

## **A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro, a partir dos seus primeiros guias para viajantes estrangeiros**

ISABELLA PERROTTA  
Doutora pelo CPDOC / FGV  
Professora de História do Design da ESPM RJ

### **Resumo**

Este trabalho analisa o que era considerado atrativo turístico na Cidade do Rio de Janeiro, entre o final do século 19 e início do século 20, através dos primeiros guias da cidade voltados para estrangeiros e editados desde 1873.

**Palavras-chave:** História do Turismo – Rio de Janeiro – Guias de viagem

Com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em 1808, como decorrência da instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, um grande contingente de estrangeiros se instala na cidade, exercendo as mais diversas atividades. Entre eles estavam livreiros e editores que vão publicar os mais diversificados textos sobre a cidade, inclusive os primeiros guias para orientar outros viajantes que continuariam chegando.

Sabe-se que na Europa, depois dos anos 1840, já havia um público ávido por literatura de viagem, ainda que estas fossem fantasiosas ou pouco fiéis. É no velho continente também que se dá o florescimento das edições de guias para viajantes, diretamente associado ao desenvolvimento do transporte mecânico. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, obras de vulto, como catálogos e almanaques que destrinchavam a cidade, encontravam seu mercado.

A principal referência editorial do período é o *Almanak Laemmert* como ficou conhecido o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro*, publicado anualmente, entre 1844 e 1889, pela Livraria Laemmert. Seus vários volumes traziam listagens completas de estabelecimentos comerciais, serviços públicos e profissionais liberais; além da relação de nomes e endereços da nobreza, do clero e outros. Impressiona o fato de este almanaque não ter sido vendido apenas em

diversas cidades de norte a sul do país, mas também em Amsterdã, Buenos Aires, Berlim, Hamburgo, Leipzig, Lisboa, Londres, Madri, Milão, Montevideu, Nova York, Paris, Porto etc., sinalizando para um interesse comercial internacional em relação ao Brasil.

Quanto aos primeiros livros pensados para orientar viajantes em trânsito na Europa, cita-se o *HandBook Murray*, na Inglaterra desde 1836, e o *Itinéraire de La Suiss*, de Ad. Joanne, na França, desde 1841 (Boyer,2003:25). A editora germânica Baedeker teria começado a edição de seus guias em 1843, tornando-se uma referência no segmento, de tal forma que, por algum tempo, o nome Baedeker foi sinônimo de guia de viagem, mesmo quando se tratava de trabalho de outro editor (Koshar, 2000:19). No fim do século, a fama veio para o *Guia Cassel de Paris*, que enumerava os divertimentos que o povo daquela cidade tanto apreciava (Schwartz, 2001:411).

E, apesar de não citada na bibliografia da área, tivemos a surpresa de localizar uma publicação bem anterior a estas. Trata-se do *Guia de viajantes ou roteiro de Lisboa*, publicado em 1807, em Portugal, por Fr. A. de S.C.E. Trata-se de um guia de roteiros, sempre partindo de Lisboa, para alguns destinos europeus, começando pelas principais cidades portuguesas, seguidas das espanholas, e por último outras Cortes e cidades da Europa. Sem comentários ou juízos de valor sobre os roteiros, a publicação inclui tabelas de conversão da moeda portuguesa para a dos outros países, refere-se às diferenças adotadas quanto a léguas e milhas e ainda os valores de “cavalos de posta” em diversos países da Europa.

O mercado editorial brasileiro já conhecia, então, alguns guias (inclusive guias de ruas da cidade) e vários almanaques volumosos quando, em 1873, é lançado pela editora Garnier o *Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro*, que parece ter sido a primeira publicação sobre a cidade, dirigida ao viajante estrangeiro. Aquela que julgamos ser a segunda – *Guia do viajante no Rio de Janeiro* – só vai aparecer nove anos depois, em 1882, com o selo da Gazeta de Notícias. Foi reeditado em 1884 pelas três principais casas editoriais da cidade na época: Luezinger, Garnier e Laemmert. Entendemos serem

estes livros os pioneiros do segmento, uma vez que o primeiro é o único *guia* citado pelo segundo onde se lê “Livros que podem interessar aos viajantes”.

Do final do século 19 – quando guardava ainda aspectos coloniais –, até as década de 1930 e 1940 – quando já era um destino turístico incluído na rota dos mais sofisticados transatlânticos, o Rio de Janeiro mudou muito. E assim o teor dos guias. Quando nossos primeiros guias estavam sendo lançados a cidade é muito pouco idílica – ao contrário do que a iconografia dos artistas viajantes fazia crer. Valle Cabral, autor do *Guia do viajante no Rio de Janeiro*, citado acima, chega a dizer que “quem aporta no Rio de Janeiro não recebe às vezes uma impressão agradável, tanto quanto era de esperar”. Nos primeiros anos do século 20, as transformações urbanísticas serão exaltadas nestas publicações, com a intenção de vender uma cidade moderna. Já a natureza, enquanto atrativo só, será propagandeada após a década de 1920.

Importante lembrar que no final do século 19 o conceito de turismo ainda não estava consolidado e as viagens ao Brasil eram majoritariamente motivadas por interesses comerciais. Nota-se que os títulos destas publicações referem-se a “estrangeiros”, “viajantes” e “imigrantes”. Felix Ferreira, autor do pioneiro guia de 1873, chega a solicitar aos seus leitores “informações minuciosas sobre os estabelecimentos fabris manufatureiros de importância e estabilidade”, instalados na cidade, para completar uma próxima edição.

Mas, apesar de estas publicações se destinarem, prioritariamente, a facilitar a vida de estrangeiros que buscavam uma relação comercial com a cidade, todas elas destacam os aspectos aprazíveis da urbe, bem como as possibilidades de divertimento ou recreação que oferecia. Só em uma publicação de 1922 (o *Guia artístico*), encontramos a indicação de uma agência de turismo, localizada na avenida Rio Branco.

### **Os guias consultados**

- *Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro e uma notícia histórica sobre os principais monumentos*, de Félix Ferreira, 1873.

Trata-se de uma pequena publicação de 56 páginas em português, sem ilustrações, publicidade ou mapa, que deveria “servir de complemento ao *Livro de lembranças*<sup>1</sup> do Sr. Garnier”. É dividido em duas partes, sendo a primeira uma relação de ruas e estabelecimentos e a segunda uma “notícia histórica de alguns monumentos e estabelecimentos notáveis da cidade”.

- *Guia do viajante no Rio de Janeiro*, de Alfredo do Valle Cabral, 1882 e 1884.

Obra impressionante, de 488 páginas, em português, possuindo uma gravura impressa, dois mapas dobrados e nenhuma publicidade. É dividido em três partes: Chegada, Estada e Partida, as quais cobrem os mais diversos assuntos, desde a descrição da entrada da baía e a história da cidade até informações sobre legislações, escolas, hospitais e cemitérios, além de divertimentos, hospedagem e alimentação. Parece ter se tornado um paradigma para os guias que virão depois dele.

- *Impressões de viagem Brazil-Europa. Ida e volta – Livro-Guia de Viagem*, de E.M. Giolma, 1887.

Publicação de 184 páginas em português, sem ilustrações, publicidade ou mapa. Pretende atender ao viajante brasileiro e europeu, cobrindo assim as seguintes localidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Bahia, Maceió, Pernambuco, Lisboa, Londres, Bruxelas, Amsterdã, Paris e Madri.

- *Hand Book of Rio de Janeiro*, de , A.J Lamoureux, 1887.

Obra de 204 páginas em inglês, produzida pelos editores de jornal em língua inglesa instalado na cidade. Tem uma vista da cidade em papel fotográfico, colada à segunda capa, um mapa e uma seção de publicidade. Percorre assuntos diversos, embora não tão específicos como o de A. do Valle Cabral. Ao final, apresenta um “Diretório”, com os endereços de legações, consulados, igrejas, correios e telégrafos.

- *La provincia de Rio de Janeiro – Notizie all’ emigrante*, de Félix Ferreira (autor do primeiro guia aqui enumerado) e Antonio da Rocha Fernandes Leão, 1888.

---

<sup>1</sup> Esta obra não foi encontrada.

Publicação de 80 páginas, em italiano, com diversas ilustrações, um mapa colorido e nenhuma publicidade. O conteúdo não é dos mais completos nem está dividido em tópicos específicos. Depois de uma apresentação sobre o Brasil, é dividido em duas partes, sendo a primeira sobre a cidade do Rio de Janeiro e a segunda sobre a província do Rio de Janeiro.

- *Guide des États-Unis du Brésil*, de Olavo Bilac, Guimaraens Passos e Bandeira Júnior, 1904.

Publicação de 220 páginas de conteúdo em francês (além das páginas de publicidade não numeradas), poucas ilustrações, dois mapas dobrados inseridos na encadernação e uma seção de publicidade com imagens fotográficas, além de uma página em folder (dobras). É dividida em duas partes, sendo a primeira de informações gerais sobre o país e a cidade e a segunda intitulada “Manual do Viajante”.

- *Guia da cidade do Rio de Janeiro*, de Paula Pessoa, 1905.

Obra 196 páginas em português, ricamente ilustrada, não apresentando mapas ou publicidade. É dividido em duas partes, sendo a primeira (bem menor) sobre o país, e a segunda sobre a cidade.

- *Guia do Rio de Janeiro*, de Cruz Sobrinho, e Julio. Andréa, 1906

Publicação de 302 páginas em português, assinalada como sendo segunda edição (não sabemos a data da primeira). Praticamente não é ilustrado, mas apresenta uma seção de anúncios e outra intitulada “Teatros e casas de espetáculos” com uma foto da maquete do Theatro Municipal (ainda em construção na época), cinco mapas de plateia dos principais teatros do Rio, dobrados e encadernados em brochura. É dividido em cinco partes sendo a última um indicador de ruas, praças e avenidas.

- *Guia do Rio de Janeiro*, de A. Moura, 1908

Publicação de 292 páginas em português (uma nota avisa que se publicou também uma edição em francês), ricamente ilustrada com belíssimas imagens fotográficas muito bem reproduzidas, assinalada como sendo segunda edição. Possivelmente é uma segunda tiragem de uma mesma edição, uma vez que a data impressa neste volume é 1908 e o

autor se refere na apresentação, intitulada “apresentação da primeira edição” à exposição de 1908. Possui uma seção de anúncios além do usual indicador de ruas.

- *Guide de la Baie de Rio de Janeiro*, de Joaquim Lacerda, 1913.

Pequena publicação de 72 páginas em francês, com ilustrações fotográficas e mapa da Baía de Guanabara, sem publicidade. É dividido em duas partes que se referem a dois itinerários turísticos que partem do cais Pharoux, no Centro.

- *La capitale des États-Unis du Brésil et sus environs*, de Charles e Henrique Morel, (c.) 1914/15. Obra de 292 páginas, em francês, editado pelo jornal *L'Étoile du Sud*, que circulava no Rio, em língua francesa. Apresenta ilustrações de alta qualidade e um mapa em cores em grandes dimensões, além de seção de publicidade. Apesar de assinalada como quarta edição “consideravelmente aumentada e inteiramente reformulada”, não existe indicação do ano de sua publicação. Por algumas datas citadas ao longo do texto (1913 e 1914), estima-se que a edição seja de 1914 ou 1915. Grande parte das páginas é dedicada ao usual indicador de ruas.

- *Guia artístico do Rio de Janeiro*, do Photo Studio Huberti, 1922

Publicação bilíngue (português e inglês) de 288 páginas. É muito bem ilustrado e possui excelente apresentação gráfica. Possui publicidade, mas não apresenta mapa. Traz uma pequena nota histórica e um indicador geral.

- *Guia e planta da cidade do Rio de Janeiro*, de Soria e Bofoni, 1922.

Pequena publicação de 66 páginas em português, cujo conteúdo é bastante sumário, formatado em listagens. Possui um mapa e não traz ilustrações ou publicidade. A maior parte de suas páginas está ocupada pela listagem de ruas.

- *Rio moderno. Lembrança do Hotel Glória*. Hotel Glória. 1932

Brochura 143 páginas em português, com várias fotografias e sem mapa. É uma peça publicitária do hotel, mas apresenta atrações da cidade, além de outros anunciantes.

• *Como conocer Rio en Automovil*, de Mário Domingues y S. Lopes Fonseca, 1934.

Trata-se de uma edição do Conselho Consultivo de Turismo da Cidade do Rio de Janeiro, com 156 páginas em espanhol. Apresenta quatro mapas, ilustrações creditadas como “Barreto Gravura” e três páginas de publicidade – Cassino Copacabana, Lloyd Brasileiro e Lux Jornal.

• *Rio*, de Hugh Gibson, 1937.

Este é o único guia analisado que não foi editado no Rio de Janeiro, mas sim em Nova York, pela Dobleday, Doran & Company, Inc. É um guia escrito a partir do olhar estrangeiro, por isso incorporando vários esterótipos como o rótulo de simpatia do povo carioca. Apresenta várias fotografias, inclusive uma do morro do Corcovado com uma ilustração aplicada sobre a foto, simulando a estátua do Cristo Redentor (inaugurada em 1931).

### **Os atrativos da cidade**

O Pão de Açúcar, o Corcovado, a praia e o carnaval não foram sempre os principais atrativos do Rio de Janeiro. Ou, pelo menos, não seria por meio deles que os guias examinados pretendiam fazer da cidade um destino interessante aos olhos dos de fora.

Que o Pão de Açúcar é dos ícones mais presentes na iconografia do Rio em todos os tempos, não restam dúvidas. Mas ele parece ter sido esquecido, por esses guias, na baía, do lado de fora da cidade. É preciso que se diga, porém, que no século 19, o bairro da Urca – região de entorno do morro – não existia, pois não contava com acesso por terra.

Em 1882, ao falar do bairro de Botafogo, um guia informa que esta pedra já vinha sendo escalada desde 1817. Era apenas uma curiosidade e não uma sugestão. Ele só voltará a ser citado nestes livros depois de 1912, quando foi inaugurado seu caminho aéreo.

Já o cume do morro do Corcovado, sempre foi um passeio que os viajantes faziam. Segundo Toussaint-Samson ([1883] 2003:88), que fez o visitou em 1850, a excursão reunia em geral de 15 a 20 pessoas, saindo às 3 horas da manhã, com o suporte dos negros que levavam provisões e negras que cuidavam das crianças. Parte da montanha podia ser subida a cavalo, enquanto as provisões e crianças seguiam em lombo de burro.

Embora tenha sido dito que “o que se vê do alto do Corcovado é em tanta profusão, que seria preciso um livro volumoso para se descrever” (Cabral, 1882:330), detalhes sobre o agenciamento deste passeio não aparecem em nossos guias. Mas o interesse despertado por esta paisagem levou ao início das obras de construção da primeira estrada de ferro eletrificada do Brasil, ainda em 1882. A obra é marcada também como a primeira estrada de ferro com fins eminentemente turísticos no país.

O banho de mar aparece sutilmente nas propagandas publicadas nos guias, mas podemos dizer que inexistiu nos seus conteúdos editoriais. E o carnaval, também pouco citado, primeiro aparece em fantasias pomposas para, apenas mais tarde, ser considerado festa popular.

O que se mostrava nestes livros como atrativo da cidade procurava repetir o modelo europeu. O primeiro guia apresenta uma notícia histórica sobre monumentos e estabelecimentos notáveis, que mesmo não sendo lugares de divertimento, são de interesse turístico no sentido lato da palavra. Ainda que no seu disperso conjunto esses monumentos não representassem um fantástico patrimônio em relação aos países europeus, era a partir deles que a cidade mostrava o seu melhor, enquanto corte imperial e enquanto cidade civilizada e progressista. Foram citados: Academia de Belas Artes, Alfândega, Aqueduto da Carioca, Arsenal de Guerra, Arsenal de Marinha, Banco do Brasil, Biblioteca Nacional, Casa da Correção, Casa da Moeda, Conservatório de Música, Convento d’Ajuda, Convento do Carmo, Convento de Santa Teresa, Convento de Santo Antônio, Dique Imperial, Estátua Equestre de D. Pedro I, Estátua de José Bonifácio, Estrada de Ferro Pedro II, Hospital da Misericórdia, Igreja da Candelária, Igreja do Carmo, Igreja da Glória [a do Largo do Machado, não o Outeiro], Igreja de São Francisco de Paula, Igreja do Santíssimo Sacramento, Igreja de São José, Igreja de Santa Cruz dos Militares, Mosteiro de São Bento, Museu Nacional [então, na rua da Constituição], Teatro de São Pedro.

A Estátua Equestre de D. Pedro I – “obra primorosa de escultura do estatuário francês Luiz Rochet” – projetada em 1825 e inaugurada em 1862, foi citada com destaque como

um dos principais monumentos do Rio, sempre descrita em detalhes, na quase totalidade dos nossos guias.

Nesta mesma publicação, de 1873 – antes da notícia histórica sobre esses monumentos, e seguindo a relação que começara por ruas e praças, passando por capelas, conventos, cemitérios e ministérios – estão listados, em apenas meia página – os teatros e recreios públicos da cidade, com suas ruas de localização (sem número), dias ou horários de funcionamento. São eles: Cassino [sem nome], Fábrica de Cerveja [sem nome], Fábrica de Cerveja Leiden, Jardim Botânico, Jardim da Praça da Constituição, Jardim do Passeio Público, Jardim da Praça Duque de Caxias, Teatro Gymnasio, Teatro Lírico Fluminense, Teatro Lírico Francês, Teatro São Luiz, Teatro São Pedro, Teatro Pedro II, Teatro Phenix Dramática.

Neste primeiro momento em que se tentava mapear a cidade para o estrangeiro, teatros, cervejarias e praças foram colocados em um mesmo segmento de classificação. Nos guias seguintes eles foram citados como categorias separadas, com destaque para as praças e os teatros. As primeiras mereceram descrições detalhadas, sendo contempladas por imagens quando os guias começaram a ser ilustrados, principalmente a praça da Aclamação [hoje da República] e o Jardim Botânico. Os teatros foram sempre listados, nunca passando de 15 casas num mesmo guia. A temporada lírica da cidade tinha alguma relevância e alguns mapas de plateia chegaram a ser veiculados em dois guias do nosso repertório.

À medida que uma nova e mais complexa cidade surgia, os entrudos, as festas religiosas e os saraus seriam pouco. Outras opções de entretenimento, confeitarias, teatros de revista, cafés-concerto, cafés-dançantes e chopes-berrantes surgiram. Segundo Lopes (2000:30), o chope gelado teve rápida ascensão, simbolizando e sintetizando a cultura de rua, em contraponto aos salões elegantes da cidade. Nestas casas noturnas a música popular se desenvolveria, mas isso não seria relevante para os autores desses livros. No segundo guia do nosso repertório – que consideramos um dos mais completos – as cervejarias apareceram dentro da seção de “alimentação e bebidas” e não de divertimento.

No *Guia do viajante no Rio de Janeiro* (1882 e 1884), os pontos de interesse, citados em “visita à cidade”, são muito mais do que aqueles do livro anterior. Tomam 62 páginas e precisam ser listados sob classificações e subclassificações.

“Monumentos, edifícios notáveis e outras obras de arte” é a primeira subclassificação e está dividida em: a) Palácios da família Imperial, b) Monumentos comemorativos, c) Igrejas e conventos, d) Edifícios públicos, e) Edifícios de Associações, f) Edifícios particulares, g) Chafarizes, h) Caixas d’água, i) Diques e docas. A seguir, é proposto um itinerário para se visitar com rapidez, em quatro dias, os estabelecimentos principais de Centro da cidade. É aberta uma seção só para “cemitérios”, na qual se descrevem as sepulturas mais importantes, do ponto de vista artístico. A seguir, o tema é “arrabaldes”.

O itinerário do primeiro dos quatro dias de visita rápida à cidade começa pelo Paço da Cidade e o Morro do Castelo – arrasado no início do século seguinte – é considerado um dos lugares a ser “indispensavelmente visitado”, entre outros motivos por que “ali a vista é circular e simplesmente esplêndida. Descortinam-se a baía, toda a cidade.”

Depois de percorrer ruas, praças e monumentos arquitetônicos do centro da cidade, o guia chega aos arrabaldes que circundam a cidade, descritos como “notáveis”, pois em geral “primam pelo clima ameno e salubre e vegetação esplêndida”, além de abrigar “excelentes palacetes, casas e chácaras”, e dispor de “fáceis e cômodos meios de transportes a partir do centro da cidade”.

Os arrabaldes mais antigos e mais próximos da cidade eram Glória e Catete, sendo neste último citados três hotéis. Outros arrabaldes mencionados foram: Cosme Velho, Corcovado, Botafogo, Copacabana e Jardim Botânico. Sobre o Corcovado indicam-se seus dois caminhos de acesso (Cosme velho e Santa Teresa) e é dito que “sustenta o celebrado gigante de pedra”. Em “Botafogo” é citado o Pão de Açúcar, sobre o qual o autor nos conta que já vinha sendo escalado desde 1817. Copacabana, apesar de ser um passeio recomendado, ainda não era servida por linha de bonde.

Ainda são mencionados: Gávea (onde são citadas as possíveis inscrições na pedra), Santa Teresa (onde se encontram “magníficos” hotéis), Paula Matos, Catumbi, São Cristóvão, Caju (local descrito como “muito ameno e agradável” onde se encontra a “Imperial Quinta do Caju” – hoje conhecida como a casa de banhos de D. João), Rio Comprido, Engenho Velho, Fábrica de Chitas (atual Praça Saens Pena), Andaraí Pequeno, Tijuca, (recomendando-se a visitação do Alto da Boa Vista, Cascatinha, Mesa do Imperador, Vista Chinesa e Macaco, além de destacar os seus “excelentes” hotéis), Cachoeira Grande, Furnas, Vila Isabel, Andaraí Grande, S. Francisco Xavier, Riachuelo, Engenho Novo, Todos os Santos, Engenho de Dentro, Piedade, Cascadura, Campinho, Jacarepaguá e Paquetá que “acha-se assentado na poética, risonha e encantadora ilha do seu nome”.

Importante que se diga que a “volta da Tijuca e da Gávea” é um percurso que começava pela Tijuca, passando pela Floresta, terminando, pela avenida Niemeyer, no Leblon. Foi dos principais passeios turísticos da cidade até pelo menos a década de 1960. Nos nossos guias ele é especialmente destacado no guia *Como conhecer Rio em Automovil*, de 1934

Com o detalhamento dos arrabaldes (acima descrito) o *Guia do viajante no Rio de Janeiro* encerra a seção de “visita à cidade” e inicia-se “divertimentos”, divididos em “públicos” e “particulares”. O primeiro contempla: jardins, festas populares, bilhares, teatros, regatas, corridas e jogos atléticos. O segundo: clubes e sociedades de ginástica e música.

Os jardins públicos citados são: Passeio Público, Jardim do Campo da Aclamação, Jardim da Praça da Constituição, Jardim da Praça de D. Pedro II, Jardim do Largo de S. Francisco de Paula, Jardim da Estrada de Ferro D. Pedro II, Jardim da Praça Onze de Junho, Jardim da Praça Municipal, Jardim da Praça General Osório, Jardim da Guarda Velha (de propriedade de uma fábrica de cerveja, junto ao Morro de Santo Antonio, que incluía botequim, bilhares, caramanchões e salões para bailes populares), Jardim do Cais da Glória, Jardim da Praça Duque de Caxias (atual Largo do Machado), Jardim Botânico e o Parque Imperial (atual Quinta da Boa Vista).

Cada jardim merece uma pequena descrição do tipo: “chafariz ao centro” ou “árvores frondosas”. O único citado como “visita indispensável” é o Jardim Botânico: “Ao entrar-se no jardim, ante tão imponente cena que se desvenda aos olhos do visitante, sente-se uma impressão sem igual.”

Como festas populares são citadas: São Sebastião, Sete de Setembro, Carnaval, Glória do Outeiro, Procissão de São Jorge, Penha e S. Roque. Sobre o carnaval, o autor esclarece que desde 1854 o velho entrudo colonial foi substituído por carruagens e cavalgadas mascaradas e pomposas abrilhantadas pelas sociedades carnavalescas.

Os bilhares são listados com indicação de endereços e preços. Sobre os teatros, diz-se que são ao todo dez na cidade, sendo dois de grande porte, dois pequenos, cinco campestres (nos quais se apresentavam peças de gênero ligeiro) e um teatro-circo. Acrescenta-se que nestes teatros costumavam-se encontrar artistas nacionais, portugueses, italianos, franceses e espanhóis e, por fim, conta-se a história e descrevem-se as acomodações de cada um.

As regatas do Clube Guanabareense, na Praia de Botafogo, constam como um divertimento público muito concorrido. O guia relaciona as linhas de bonde que serviam o local e esclarece que “o clube de regatas também dá partidas-concertos”. As corridas de cavalo eram gratuitas, e um outro divertimento popular dos mais prestigiados. O Prado Fluminense, localizado entre S. Francisco Xavier e Benfica era servido pela Estrada de Ferro D. Pedro II, por bondes e carros de aluguel. Por fim, em “divertimentos particulares” o guia relaciona clubes esportivos e musicais.

Na publicação seguinte, *Impressões de viagem Brazil-Europa* (1887) os assuntos de maior apelo turísticos vão sendo tratados sem títulos que facilitem a consulta e sem muitas informações de ordem prática. São citados ilhas, jardins (sobre o Campo da Aclamação é dito que “rivaliza com os melhores da Europa, belo e espaçoso”), o Museu Nacional e seu acervo sobre o indígena nativo, o Passeio Público (“no terraço onde se tem uma vista agradável da baía e entrada a barra”), o Corcovado (observando-se que na

parada do trem encontravam-se hotel e restaurante), as Paineiras e o Alto da Boa Vista (onde, a partir da parada dos bondes, em caminho à direita chegava-se à Cascata Grande e, à esquerda, a Cascatinha Pequena, e seguindo para o alto, a Floresta Nacional da Tijuca).

Arrabaldes sem pontos de visitaçõ especificos também são incluídos, como Vila Isabel, Engenho Novo e Cascadura. Mas, chama a atenção um passeio recomendado, provavelmente sob a intenção de mostrar uma cidade progressista: as grandes obras de abastecimento de água para a cidade, como o reservatório de São Cristóvão e Rio do Ouro na estação da Quinta do Caju.

O carnaval é a única festa popular citada. Não é mais descrita como pomposa, e mereceu apenas algumas poucas linhas:

A festa do carnaval tem todos os anos animação popular, as praças e ruas ficam tomadas de povo, as janelas ocupadas por famílias, todos para verem desfilar as sociedades, e à noite os bailes públicos nos teatros, aonde vão as famílias em camarote.

Os bailes de fantasia em família têm sido dados em Petrópolis e Nova Friburgo, parecendo que as belas fluminenses não gostam da máscara que esconde seus encantos e serve para divertir os outros. (Giolma, 1887:25)

Ainda no mesmo livro são citados os nomes das principais ruas comerciais, sem qualquer comentário, e a lista de estabelecimentos do estado que podem ser visitados mediante licença dos seus diretores, como as bibliotecas: Nacional, da Escola Técnica, da Marinha, da Guerra, da Câmara Municipal e da Academia de Medicina; o prédio do Correio, a Casa da Moeda, o Matadouro, o Lazareto (edifício destinado ao serviço de quarentenas, na Ilha Grande) e a Santa Casa da Misericórdia.

Segue-se a listagem de estabelecimentos particulares que podem ser visitados mediante apresentação dos sócios, sem que fique claro o interesse que podem despertar: Gabinete Português de Leitura, Real Clube Ginástico Português (já contando com um teatro), Sociedade Portuguesa de Beneficência, Associação Comercial, Centro de Lavoura e Comércio, Centro de Negociantes de Café, Clube Beethoven, Clube das Laranjeiras, Cercle Suisse, Clube Germânia, British Library of Rio de Janeiro, Clube de Engenharia,

Fábrica e Tecidos de Macacos, Fábrica de Tecidos de Petrópolis e Rink (outra fábrica de tecidos, esta na Corte).

No guia publicado em 1888, em língua italiana, a apresentação da cidade discorre sobre o Centro, a rua do Ouvidor e as principais praças. É dito que a cidade conta com três belíssimos jardins de passeio: o Passeio Público (com terraço com vista para o mar), o Jardim Botânico (com mais de 300 mil espécies vegetais) e a Praça da Aclamação como “um dos mais admiráveis jardins públicos do seu gênero que existem nas cidades mais afamadas da Europa e América”. Nota-se que os comentários e adjetivações do Passeio Público e Praça da Aclamação são bastante semelhantes ao do guia anterior.

Os antigos prédios da cidade são considerados de aparência ruim, pelo autor que, contudo, exalta as novas construções que nos últimos 20 anos vinham formando modernos subúrbios de pitoresca aparência, onde chalés, casas nobres e palacetes de luxo encontravam-se “na verdejante boscagem dos jardins”.

Mas o centro da cidade continuará a ser o ponto de atenção, e o guia de Olavo Bilac, em 1904, oferece um “voo de pássaro” percorrendo praça XV, praça S. Francisco, praça Tiradentes, praça da República, praça Onze de Junho, avenida do Mangue, rua do Ouvidor, avenida Central, praça Carioca, praça da Lapa, praça da Glória, praça Duque de Caxias, praça José de Alencar, praia de Botafogo, Passeio Público (com um aquário inaugurado naquele ano), parque da República (projeto de Glaziou com 66 mil espécies vegetais), Jardim Botânico, Copacabana, Gávea (com admiráveis paisagens), Corcovado, Silvestre, Pedregulho, Tijuca, Jardim Zoológico [em Vila Isabel], citando a quantidade de cada animal, Copacabana (incluindo Leme e Ipanema) e a baía do Rio de Janeiro.

A predileção por praças e jardins continua sendo predominante. Mas aqui apareceram, pela primeira vez, a avenida do Mangue, que passará a ser muito citada como importante obra de modernização da cidade, e a praia de Botafogo, que passará a ser citada como um dos lugares mais bonitos.

O guia de Paula Pessoa editado em 1905, faz um longo passeio pela cidade. Sem divisões na estrutura do texto, a descrição de um lugar é emendada à descrição de outro. Igrejas, monumentos, praças, jardins, instituições, teatros e escolas são citadas, partindo-se do Centro da cidade para Santa Teresa e o Silvestre, então voltando-se ao Centro.

Quando o assunto é o Morro do Castelo, duas fotos mostram o marco fundamental da cidade. De lá, vamos ao observatório astronômico, ao mastro de sinais telegráficos e ao passeio público, com a descrição de seu terraço à beira-mar.

“Arrabaldes” mereceu um dos poucos títulos do livro. Citam-se Glória, Catete (e aí o palácio presidencial), Botafogo e a praia de mesmo nome – com a observação de que “nenhum arrabalde da cidade leva-lhe vantagem em importância e beleza”. Vamos ao Jardim Botânico de onde se sugere um percurso de duas horas e meia, sem especificar a condução, seguindo pela rua D. Castorina e depois até a caixa d’água, para se chegar à Vista Chinesa e Mesa do Imperador. Finaliza-se o tema citando os arrabaldes de Laranjeiras, Cosme Velho, Corcovado, Santa Teresa, Paula Matos e Catumbi, entre outros.

O guia de 1906, adotado pela força policial do distrito federal, despende a maior parte de suas páginas com condutas públicas, circunscrições policiais, repartições públicas e órgãos da Justiça, para finalmente tratar de assuntos de interesse do viajante como transportes, hotéis e restaurantes. Logo após, apresenta a seção “Praças, Jardins e Passeios” e mais adiante “Teatros e casas de espetáculos”. Como vinha acontecendo nos outros guias, as principais ruas do Centro não são comentadas, embora este conteúdo estivesse relativamente coberto pelo “indicador da cidade” ao final do guia.

As praças e passeios citados são: praça da República, praça Tiradentes, praça XV de Novembro, praça Coronel Tamarindo, praça Visconde do Rio Branco, praça Duque de Caxias, praça José de Alencar, praça Marechal Deodoro, Passeio Público, Jardim Botânico, Jardim Zoológico, Parque da Boa Vista, avenida Beira-mar, Copacabana e Tijuca.

O Theatro Municipal, apesar de encontrar-se ainda em construção, mereceu descrição e foto de sua maquete em gesso, além da planta de plateia. Os teatros Lírico, Carlos Gomes, São José e Lucinda tiveram suas plantas divulgadas, o que nos pareceu um serviço muito interessante para o usuário.

O guia de A. Moura – que se caracterizou em, em 1908, pela centena de fotos do Rio ali veiculadas – é bastante confuso na ordenação dos temas que percorre. No seu extenso índice os assuntos de interesse turístico se misturam a todo tipo de informação. Mesmo assim, podemos verificar a presença de alguns temas que dizem respeito às atrações da cidade: Passeios a fazer em um só dia, Teatros e diversões, Jardins e praças públicas, Aspectos do Rio, A Tijuca, O Corcovado, O Sumaré, Melhoramentos do Rio de Janeiro (onde se sugere a avenida do Mangue e as obras do porto), Avenida Central e Avenida Beira-mar. Além desta última avenida, o livro enaltece a praia de Botafogo, o Leme, Copacabana e Ipanema.

Seguindo a cronologia das publicações estudadas, a próxima é o *Guide de la Baie de Rio de Janeiro*, cujas sugestões de passeio diferem-se dos outros por completo. No entanto, é preciso lembrar que a baía foi assunto de praticamente todos os livros. Os dois itinerários marítimos, sugeridos no guia, partem do Cais Pharoux, nas imediações da praça XV. O mesmo cais será o ponto de partida para o “itinerário a seguir para visitar a cidade” sugerido pelo guia *La capitale des États-Unis du Brésil et ses environs*, desta vez, por terra.

Este livro, de 1915, é outro a apresentar um enorme sumário, no qual pudemos destacar sugestões de passeio, sob os seguintes temas: Itinerários a seguir para visitar a cidade, Passeios recomendados, Parques e jardins públicos, museus e bibliotecas, Estátuas e monumentos e Principais teatros. O itinerário que parte do Cais não estabelece quanto tempo é necessário para percorrê-lo e começa descrevendo os monumentos da praça XV. Passa pelas ruas Sete de Setembro, Ouvidor, Rio Branco e Assembleia, entre outras. A Biblioteca Nacional é adjetivada como “um dos mais importantes edifícios da América Latina”, e cita-se seu acervo de obras raras. Mais uma vez a Estátua Equestre

de D. Pedro I é exaltada e descrita em detalhes. O acervo do Museu Nacional também é especificado. O roteiro passa ainda pela Praia de Botafogo, onde é citada a Igreja da Imaculada Conceição e a Praia Vermelha com referências à exposição de 1908. Em Copacabana e Ipanema são citados, respectivamente, dois jardins públicos: o Serzedelo e o Marechal Floriano. A primeira praia é considerada mais pitoresca, mas sobre ambas é dito que são muito frequentadas como passeios para “respirar ar puro”. Citam-se, ainda, o morro Dois Irmãos, a Pedra da Gávea (fala-se outra vez sobre possíveis inscrições de um povo primitivo) e as ilhas oceânicas avistadas das praias.

O item “passeios recomendados” repete alguns atrativos citados no item anterior. A lista de sugestões abrange a avenida Beira-mar, parque da Boa Vista, Tijuca, as praias de Ipanema, Copacabana e Leme, Corcovado, Silvestre e o Caminho Aéreo do Pão de Açúcar, inaugurado em 1912.

Seguem-se as recomendações de “parques e jardins públicos, museus e bibliotecas”, em que outros itens serão repetidos em relação à proposta de itinerário. Recomendam-se o Jardim Botânico, o Passeio Público, a Praça Tiradentes (outra vez a citação da Estátua Equestre de D. Pedro), o Jardim Zoológico, o Jardim da Glória, o Jardim da Praça 15, o Jardim da Praça da República, o aquário do Passeio Público, o Museu Nacional, o Museu da Marinha e, novamente, a Biblioteca Nacional. Depois de “estátuas e monumentos” seguem-se os “principais teatros” com a reprodução das plantas de plateia dos teatros de grande porte – Theatro Municipal, Lírico e Pedro de Alcântara.

No *Guia artístico do Rio de Janeiro*, um texto não muito longo, intitulado “A cidade em linhas gerais”, percorre o litoral a partir do Arpoador em direção ao Centro. Aí se encontra um anúncio de restaurante no Leme que servia banquetes, piqueniques, almoços e jantares, ficando aberto toda a noite. A avenida Rio Branco e a rua do Ouvidor são citadas como as vias em que se pode ver a sociedade elegante circular. E a sucinta apresentação da cidade termina com um destaque para a festa que, anos mais tarde, tornar-se-ia um dos principais atrativos de turismo do Rio:

O Carnaval interessa a todas as classes. Altos funcionários, negociantes, empregados do comércio, operários, pessoal de serviço doméstico, todos se divertem na medida de suas posses, pelas ruas, nos bailes, nos préstitos, nos ranchos etc. Dir-se-ia um tríduo de loucura, que perturba

a serenidade habitual do carioca. Passada essa vertigem, a cidade volta como por encanto à calma de sempre e o pessoal da limpeza pública apressa-se em apagar os vestígios da borrasca. (Huberti, 1922:45)

Repetindo-se um pouco, o livro passa por aqueles que considera os pontos principais da cidade: avenida Rio Branco, avenida Beira-mar (agora descrita no sentido do Centro para a Zona Sul), avenida Atlântica, Leme, Copacabana e Ipanema. Percorre algumas ruas centrais, conferindo-lhes caracterizações. A do Rosário (rua dos cartórios), Buenos Aires (de escritórios e lojas diversas), Candelária (cuja igreja merece ser visitada demoradamente), Alfândega (dos bancos e comércio), Gonçalves Dias (de moda, confeitarias e sorveterias), Uruguaiana (de lojas diversas, principalmente louças), Sete de Setembro (das alfaiatarias populares), Praça XV de novembro (de importância histórica), do Ouvidor (a mais importante depois da Rio Branco – “onde se apresenta a sociedade carioca em todo o seu esplendor”), Primeiro de Março e suas transversais, Praça Tiradentes (e o grande monumento equestre a D. Pedro I) e o Largo de S. Francisco de Paula.

Merecem abertura de títulos à parte, com maiores descrições: o Passeio Público, o Jardim da Praça da República, a Quinta da Boa Vista (com detalhes do jardim e do museu, inclusive com fotos do seu interior), o Jardim Botânico, o Jardim Zoológico, o Pão de Açúcar. E ainda o Silvestre, os arcos de Santa Teresa e o aqueduto da Carioca, as Paineiras, o Corcovado e a Tijuca (com a descrição de todas as suas atrações). São sugeridas excursões de caminhada, bem detalhadas, à Pedra Bonita, Pedra da Gávea e Gruta da Imprensa.

No mesmo ano de 1922, o resumido guia da editora Soria e Boffoni não acrescenta novidades. Seus passeios recomendáveis são o Pão de Açúcar, por meio de “ascensor”, o Corcovado, por meio de estrada de ferro e Jardim Botânico, Silvestre e Sumaré, Leme e Copacabana, Campo de Sant’Ana e algumas outras poucas localidades com as respectivas indicações de bondes. Sob o título “Esporte” são relacionados os clubes de futebol, rowyng [remo] e turfe.

A orla vai sendo mais valorizada mas, em 1932, o *Rio moderno* ainda nos mostra que é no Centro da cidade a referência de luxo: a avenida Rio Branco. Seguem-se fotos das avenidas litorâneas: Beira-mar (que incluía a Praia de Botafogo), Atlântica e Leblon. Entre os lugares interessantes do Rio, destacam-se Pão de Açúcar, Corcovado, Floresta da Tijuca (incluindo Cascatinha, Gruta Paulo e Virgínia, Excelsior e Furnas Agassis), Quinta da Boa Vista, praças da República e Tiradentes e Jardim Zoológico.

### **A orla e o banho de mar**

A receita médica prescrita para dom João VI demorou a se tornar um hábito carioca e um chamariz para turistas. Contudo, relatos e documentação fotográfica comprovam a existência do costume de se banhar no mar na orla do Rio ainda no século 19, começando a tomar algum fôlego nos primeiros anos do século 20. As mais recorridas eram as praias do Centro, como Santa Luzia e Boqueirão do Passeio, seguidas da praia de Botafogo.

Mas enquanto na Europa já estava claro o potencial econômico dos balneários à beira-mar com seus hotéis-cassinos, a cidade tropical demorou a investir neste filão comercial. Se, ainda no século 19, alguns hotéis já anunciavam na imprensa suas localizações próximas ao banho de mar, nossos guias praticamente ignoravam esta alternativa de desfrute da cidade.

Decerto os estrangeiros que recorriam ao banho de mar, no Rio, não estavam aqui por este motivo. Como já especulamos, a demanda de viajantes à cidade devia-se predominantemente a interesses comerciais. O banho de mar seria apenas um valor a mais, agregado aos serviços dos hotéis, para aqueles estrangeiros que já cultivavam este hábito na Europa, onde começava a vigorar um turismo moderno, que nas palavras de Gaspar (2004:81) era apoiado em três modismos: “o termalismo, o cassinismo e o paisagismo”.

Na literatura em questão neste trabalho, as referências à orla começam pela fruição da beleza e não pelo banho em si. As reformas de modernização da cidade tornarão a

avenida Beira-mar um ponto constantemente citado. No guia de Valle Cabral, começam a aparecer alguns sinais de interesse pelo tema. Por exemplo, dentro da seção “hospedagem”, sobre o Hotel dos Estrangeiros, na rua do Catete, é dito: “o mar fica-lhe próximo”. Dentro de “arrabaldes”, a praia da Restinga do Jardim Botânico [hoje, Leblon] é citada pela natureza, não como local de banho.

É um passeio agradabilíssimo, ir-se até à praia da Restinga, onde furiosamente batem noite e dia ondas do Atlântico. Aí vê-se no final do caminho que começa a praia do Pinto [na lagoa Rodrigo de Freitas], às vezes sangradouro que se costuma abrir em certas épocas para comunicar a lagoa com o mar. (Cabral, 1882:342)

Ainda no mesmo guia, encontramos o título “asseio” que inclui “banhos”, “calistas” (os quais, em geral, funcionavam nas casas de banho) e “barbeiros e cabeleireiros”. São fornecidos os endereços das casas de banho e preços dos serviços tais como “banhos frios e quentes de chuva [chuveiro] e de choque” [seriam duchas?]. Sobre o banho de mar, muito pouco é dito, e percebe-se que era praticado pelo intermédio de um estabelecimento especializado que oferecia diversos serviços:

De mar e de chuva de água salgada – Praia do Flamengo (entrada pelas ruas Dois de Dezembro e Buarque de Macedo) onde os banhos de mar avulsos custam 200 rs, 30 cartões 5\$, com roupa 7\$, lavagem e conservação de roupa 2\$. — R. de Luiz de Vasconcellos (Boqueirão do Passeio) 2 e 4. Banhos de mar avulsos 200 rs, assinatura de 30 banhos 5\$. Lavagem de roupa 2\$ mensais. Banhos de chuva avulsos 1\$ e a assinatura de 15 banhos 10\$. Alugam-se gabinetes e vestimentas. Há café e bebidas na entrada do estabelecimento. – Rua de Santa Luzia, 1 – Palácio Flutuante, com magnífico tanque de natação [embarcação ancorada, com tanque de água natural a bordo]. Abre-se às 4h30 da m. O embarque é no Cais Pharoux, nas escadas da companhia.

Duchas (aplicações de) sob direção médica, no hotel Balneário, em frente à r. do Marquês de Olinda (Botafogo). Preços: 30 cartões 45\$, 15 ditos 20\$.

O guia de 1888, voltado para o imigrante italiano, é bem superficial quanto o assunto: “entre as praias a mais bela é a de Botafogo”. No guia de 1904, o banho de mar é, outra vez, tratado junto com os banhos dos hotéis ou das casas de banho. O de mar é indicado nas praias do Boqueirão [Passeio], Santa Luzia, Flamengo, Leme, Copacabana e São Cristóvão. Em 1905, Paula Pessoa fala da brisa fresca de Copacabana:

Este é um bairro novo contando já considerável número de boas e bem construídas casas, sendo digno de visita pelas belezas naturais que oferece.

Ainda mais recente é o bairro em seguida a este, na Praia do Arpoador, e conhecido pelo nome de Villa Ipanema – é aprazível, muito saudável, alegre, fresco e dispendo de fácil transporte nos transways elétricos que encontram-se no Largo da Carioca, com tabuleta indicadora. (Pessoa, 1905:128)

A. Moura, em 1908, diz que o Leme é uma das mais lindas praias que, com as de Copacabana e Ipanema, forma uma trindade constituindo um dos mais agradáveis passeios a ser recomendado ao estrangeiro. O cais que contorna a Praia de Botafogo, “descrevendo uma graciosa curva” também é considerado, pelo autor, um dos passeios mais lidos do mundo e, a avenida Beira-mar, outra atração:

Toda a avenida foi feita sobre terrenos roubados ao mar e do seu parapeito pode-se o viandante ir debruçando sobre o oceano em toda a sua extensão, exceção feita de uma pequena faixa de terra firme, chamada Avenida da Ligação, que a une à Praia de Botafogo, também toda rasgada ao lado do mar, sobre terrenos que lhe foram furtando, e em toda extensão com amurada sobre a enseada tranquila e bela do mesmo nome. (Moura, 1908:54)

Em 1922, o guia artístico de Huberti considera entre os pontos principais da cidade: a avenida Rio Branco, a avenida Beira-mar, a avenida Atlântica, Leme, Copacabana e Ipanema, quando por fim o banho de mar aparece com alguma relevância: “As praias são muito frequentadas na estação dos banhos. Foram grandemente apreciadas pelo rei Alberto, da Bélgica, durante sua estada no Rio de Janeiro em 1920, pois não dispensava o seu banho matinal” (Huberti, 1922:66).

Em seguida, o passeio pela avenida Atlântica é recomendado a pé, de automóvel ou de bonde. Na mesma publicação, um anúncio do Hotel Central, na Praia do Flamengo, traz como chamariz: “Banhos de mar” e “Magnífica vista para a baía de Guanabara”.

No mesmo ano, o guia da editora Soria e Boffoni indica como “praias de banho”: Lavolina [Urca], Flamengo, Copacabana, Leme, Arpoador e São Cristóvão, todas com as indicações das linhas de bondes que as serviam. E também aquelas localizadas em Niterói: Icaraí, Flecha, Saco de São Francisco, Vermelha e Boa Viagem.

Finalmente, o guia editado pelo Hotel Glória abre com uma foto, de página inteira, da praia da Urca lotada, apesar de não fornecer informações sobre as praias ou dicas sobre o banho de mar.

## Referências Bibliográficas:

### Fontes Primárias

BILAC, Olavo, PASSOS, Guimaraens e JÚNIOR, Bandeira. *Guide des États-Unis du Brésil - Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bilac, Passos & Bandeira. 1904

Cabral, A. do Valle. *Guia do viajante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias. 1882.

Cabral, A. do Valle. *Guia do viajante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Leuzinger & Filhos / B.L. Garnier / H. Laemert & Cia. 1884.

DOMINGUES, Mário e FONSECA, S. Lopes. *Como conhecer Rio en automovil*. Rio de Janeiro: Conselho Consultivo de Turismo da Municipalidade do Rio de Janeiro. 1934.

FERREIRA, Félix. *Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro e uma notícia histórica sobre os principais monumentos*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier. 1879.

FERREIRA, Félix e LEÃO, Antonio da Rocha Fernandes. *La provincia de Rio de Janeiro – Notizie all' emigrante*. Rio de Janeiro: Tipografia H. Lombaerts e Comp. 1888.

GIOLMA, E.M.. *Impressões de viagem Brazil-Europa. Ida e volta – Livro-Guia de Viagem*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança. 1887.

HOTEL GLÓRIA, *Rio moderno. Lembrança do Hotel Glória*. Rio de Janeiro: Hotel Glória. 1932.

HUBERTI, Photo Studio. *Guia artístico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Photo Studio Huberti, 1922.

LACERDA, Joaquim. *Guide de la Baie de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio. 1913

LAMOUREUX, A. J. *Hand book of Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: A. J. Lamoureux. 1887.

MOREL, Charles e MOREL, Henrique. *La capitale des États-Unis du Brésil et sus environs*. Rio de Janeiro: L'Étoile du Sud. s/d.

MOURA, A. *Guia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: A. Moura. 1908.

PESSOA, Paula. *Guia da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Bevilacqua. 1905

SOBRINHO, Cruz e ANDRÉA, Julio. *Guia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia e Papelaria Altina. 1906

SORIA e BOFONI. *Guia e planta da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Soria e Bofoni. 1922.

### Outras Fontes

BOYER, Marc, *História do Turismo de Massa*. Bauru e Salvador: Edusc e Edufba, 2003.

CASTRO, Celso. “A natureza turística do Rio de Janeiro”. In BANDUCCI, Álvaro Jr. & BARRETTO, Margaritta (Orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. São Paulo: Papyrus, 2005.

Fr. A. de S.C.E, *Guia de viajantes ou roteiro de Lisboa*, Lisboa, 1807.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2005.

KOSHAR, Rudy. *German Travel Cultures*. New York, Berg, 2000

SCHWARTZ, Vanessa R. “O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século”. In CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, [1883] 2003.